
CRUZ, Eduardo da; CASTRO, Andreia Alves Monteiro de (ed.). *Ao raiar da aurora: antologia de narrativas breves de escritoras portuguesas oitocentistas*. São Paulo: LiberArs, 2022. 2 v. ISBN 978-65-5953-074-8 (v. 1) – 978-65-5953-075-5 (v. 2)

Alvaro Santos Simões Junior
Universidade Estadual Paulista/CNPq

Doi

<http://doi.org/10.37508/rcl.2022.n48a508>

É difícil ficar indiferente aos dois belos volumes de *Ao raiar da aurora*, com suas capas de cores suaves (verde e rosa) e reproduções parciais de trabalhos pictóricos com motivos florais de Maria Augusta Bordalo Pinheiro, irmã de Columbano e Rafael e tia de Manuel Gustavo, filho de Rafael. Sendo aparentada de artistas de grande projeção em Portugal e no Brasil, tenderia a permanecer esquecida, mas os organizadores do livro, Eduardo da Cruz e Andreia Alves Monteiro de Castro, dão-lhe o devido destaque. Pode-se dizer, por isso, que a obra insinua seus propósitos a partir da capa, pois se presta a colocar em evidência “escritoras portuguesas oitocentistas” que por razões diversas são pouco conhecidas ou mesmo completamente ignoradas pelo grande público. São 26 autoras (11 no primeiro volume, 15 no segundo), muitas delas polígrafas. Cultivaram a poesia, o romance, o teatro, a crônica e a crítica literária, entre outros gêneros, mas a antologia privilegiou, como presuntiva forma de obter uniformida-

de interna, “narrativas breves”, algumas de duas páginas, outras de poucas dezenas.

Como informa Gilda Santos no “Pórtico”, a obra resulta de pesquisas desenvolvidas nos grupos Polo de Pesquisas Luso-Brasileiras (PPLB) e Pesquisas Literárias Luso-Brasileiras (PLLB), ambos vinculados ao Real Gabinete Português de Leitura e cadastrados no CNPq. Colaboraram com os organizadores, na seleção e fixação de textos e redação de notas biográficas, estudantes de graduação e pós-graduação e também doutores egressos de universidades fluminenses (UFF, UFRJ e UERJ) e portuguesas (Universidade Nova de Lisboa e Universidade de Lisboa)¹.

O título escolhido foi retirado de uma carta de Maria Adelaide Fernandes Prata publicada em 1865 no periódico portuense *A Esperança*, autodefinido como *Semanário de Recreio Literário Dedicado às Damas*. A missivista dirigia-se à amiga Maria Peregrina de Sousa e, queixando-se do desestímulo ou até mesmo da repressão impostos à mulher com veleidades artísticas, lembrava que as mulheres se levantavam “ao raiar d’aurora”, embora os homens pensassem que o “sol nasc[ia] só para eles” e saíssem dos seus leitos “quando o astro do dia [ia] já em meio do seu giro” (*apud* CRUZ; CASTRO, 2022, p. 11). Maria Adelaide Prata reivindicava para as mulheres o direito de *contemplar e descrever* a aurora, e suas palavras indignadas significavam o raiar de outra aurora, a que metaforicamente alude o título

¹ No primeiro volume: Ana Comandulli, Bianca Gomes Borges Macedo, Elisabeth Fernandes Martini, Júlia Santiago, Lorena Ribeiro da Silva Lopes, Mayara Gonçalves Marques da Silva e Yasmin Pontes. No segundo: Ana Carolina Cardozo Barbosa, Ana Comandulli, Elisabeth Fernandes Martini, Gabrielle Sant’Anna de Oliveira, Isabel Lousada, Júlia Garcia Santos, Júlia Santiago, Luzia Ribeiro de Carvalho, Mayara Gonçalves Marques da Silva, Sandra Cristina Patrício da Silva e Sérgio Abreu.

da obra. As autoras contempladas pela antologia representavam a *aurora* mais ou menos fulgurante da livre atuação intelectual e artística de mulheres portuguesas nascidas no século XIX. Várias delas foram de fato militantes feministas ou, pelo menos, empenharam-se pela educação feminina.

A grande maioria das autoras colaborou em periódicos brasileiros e portugueses ou até mesmo dirigiu jornais e revistas, alcançando notoriedade em seu tempo e exercendo um importante papel junto à opinião pública. Várias narrativas reunidas à antologia foram publicadas em periódicos e, até agora, encontravam-se inéditas em livro.

Algumas das autoras são ainda hoje lembradas: Ana Plácido, a combativa companheira de Camilo Castelo Branco, que enfrentou os preconceitos e até mesmo a justiça para viver ao lado do escritor; Guiomar Torresão, autora prolífica, colaboradora de periódicos e editora do *Almanaque das Senhoras*; Maria Amália Vaz de Carvalho, cronista regular do *Jornal do Comércio*, do Rio de Janeiro, e de seu homônimo lisboeta, autora de obra vasta e diversificada; Adelina Lopes Vieira, irmã de Júlia Lopes de Almeida, com quem escreveu *Contos infantis*, colaboradora de periódicos como *Correio Paulistano*, de São Paulo, e *A Semana e Jornal do Comércio*, do Rio de Janeiro; Ana de Castro Osório, editora de periódicos, autora de livros para crianças e jovens e aguerrida militante feminista; Angelina Vidal, editora de periódicos políticos e militante republicana; Branca de Gonta Colaço, poeta, cronista e conferencista; Mariana Coelho, pedagoga e ensaísta radicada em Curitiba; Sarah Beirão, contista e romancista prolífica; Virgínia de Castro e Almeida, autora de literatura infantil e juvenil, ensaísta, ficcionista e autora pioneira de roteiros para o cinema.

As outras 16 autoras, Ana Maria Ribeiro de Sá, Antônia Gertrudes Pusich, Catarina Máxima de Figueiredo, Efigênia do Carvalhal, Emília Eduarda, Hermenegilda de Lacerda, Maria Peregrina de Sou-

sa, Maria Rita Chiappe Cadet, Alice Pestana, Ana Villalobos Galheto, Cacilda de Castro, Cláudia de Campos, Luthgarda Guimarães de Caires, Maria O'Neill, Paulina Campelo Macedo e Teresa Franco, são conhecidas hoje principalmente por especialistas como os que se associaram para a produção da antologia. Algumas delas são personagens fascinantes, como Emília Eduarda, atriz de sucesso que morreu no palco; Maria Rita Chiappe Cadet, que dirigiu colégio para moças e foi precursora da literatura infantil em Portugal; Ana Villalobos Galheto, que viveu de 1898 a 1944 em São Paulo e foi amiga de Monteiro Lobato, Tarsila do Amaral, Guilherme de Almeida etc.; Luthgarda Guimarães de Caires, que, além de deixar obra diversificada, escreveu *libretto* de ópera; Maria O'Neill, que foi jornalista, editora e militante feminista; Paulina Campelo Macedo, que se mudou para o Brasil em 1899, colaborou em periódicos cariocas e dirigiu colégio em Santa Teresa.

Houve da parte dos pesquisadores empenho em reunir informações biobibliográficas sobre as autoras, colocadas antes dos contos reunidos, mas não há para todas as escritoras as datas e locais de nascimento e morte, além de outros dados, compreensivelmente escassos. Para a maioria, inseriu-se na obra um retrato fotográfico, geralmente obtido em periódicos, mas se desconhece fotografia de algumas delas.

A maioria das autoras é tributária do romantismo, embora se verifiquem também discretas manifestações realistas. Há textos escritos para arrancar lágrimas, enquanto outros pretendem despertar o riso. Muitos têm propósitos didáticos ou moralizantes.

Algumas narrativas, por suas qualidades intrínsecas, merecem destaque à parte, tais como “A casa negra”, de Efigênia do Carvalho, que parodia convenções do gótico e zomba de superstições populares.

Em “Diário de uma complicada”, Guiomar Torresão analisa o comportamento masculino e as expectativas femininas nas relações amorosas pelo prisma de uma narradora crítica e irônica, embora se celebre ao final a instituição do casamento.

Maria Amália Vaz de Carvalho revela-se hábil manipuladora dos cordéis de uma narrativa com “A morte de Berta”. A criança do título é a denunciadora involuntária e inconsciente de infidelidade da mãe, de cujos seios retira um bilhete comprometedor que, por brincadeira, entrega correndo ao pai. Sem condições de entender o que depois se passou entre os pais, mas sensível o bastante para perceber que já não era amada como antes, a pobre menina adoece e morre um ano depois.

Em “A primeira infância do Zizi”, já no segundo volume, Alice Pestana satiriza os valores degradados e a educação equívoca que a burguesia reservava aos seus filhos, tornando-os indiferentes às injustiças sociais. Mesmo que o Zizi em questão se corrigisse por algum acaso, não haveria solução para o problema denunciado pelo conto, pois, garantia a autora, “ficavam ainda todos os outros Zizis, que às tardes sobem a rua do Ouro, em direção à Avenida, com muito propósito, vestidinhos de veludo, luvas e bengalinha!” (PESTANA, 2022, v. 2, p. 43).

Muito sensível para o sofrimento dos mais pobres se mostra Ana de Castro Osório com “Ar de pinheiros”, em que se vislumbra a vida de privações das classes populares. Em “Tio Barreiros”, traça-se retrato pitoresco e sensível de personagem de extração popular.

Hábil para a crítica social e política se revela Luthgarda Guimarães de Caires com “O comunista”, que trata da amizade improvável e afinal inviabilizada entre dois meninos — um filho de agiota, outro, de um militante de esquerda —, e “O conspirador”, que representa

uma sociedade injusta e de instituições degradadas mediante um caso de prisão por denúncia falsa de conspiração política.

Virgínia de Castro e Almeida narra em poucas páginas uma intriga de aldeia em que Anitas, a “Inocente” do título, a despeito do pleno desenvolvimento físico e da beleza, conservara na adolescência uma mentalidade infantil que a tornava inapta para os trabalhos mais simples e incapaz de cuidar de si própria. Acaba por ser seduzida por um bufarinheiro de passagem por sua aldeia, o qual lhe prometera um anel de ouro caso o encontrasse junto a uma charneca. Do engodo, resultou uma gravidez; da gravidez, uma vez descoberta, grande escândalo e espancamento da mãe pelo pai; do parto, o suicídio do pai, atormentado pela “desonra”. A narradora onisciente, mas contida, vê o mundo rústico pelos olhos obnubilados de suas personagens, e a novela se encerra com as reflexões pueris de Anitas sobre o bebê que morrera logo depois do parto: “Por que a mãe se debruçara para ela chorando e lho dera para que beijasse como se fosse um Menino Jesus, antes de o estender, muito quietinho, num tabuleiro, com as mãos cruzadas sobre o peito?” (ALMEIDA, 2022, v. 2, p. 221).

Os contos acima comentados foram publicados, assim como os demais, em periódicos e/ou em obras raras. Por essa razão, *Ao raiar da aurora* cumpre um papel fundamental de divulgação de autoras de valor, que estão à espera de novos estudos e reedições de seus livros e textos dispersos. A importância dessa obra foi reconhecida pela Secretaria de Apoio às Comunidades Portuguesas do Ministério dos Negócios Estrangeiros de Portugal, que a apoiou financeiramente.

RECEBIDO: 19/07/2022 APROVADO: 30/07/2022

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Virgínia de Castro e. Inocente. In: CRUZ, Eduardo da; CASTRO, Andreia Alves Monteiro de (ed.). *Ao raiar da aurora: antologia*

de narrativas breves de escritoras portuguesas oitocentistas. São Paulo: LiberArs, 2022. v. 2, p. 191-221.

CRUZ, Eduardo da; CASTRO, Andreia Alves Monteiro de. A madrugada do feminismo. In: CRUZ, E. da; CASTRO, A. A. M. de (ed.). *Ao raiar da aurora: antologia de narrativas breves de escritoras portuguesas oitocentistas*. São Paulo: LiberArs, 2022. v. 1, p. 11-14.

PESTANA, Alice. A primeira infância do Zizi. In: CRUZ, Eduardo da; CASTRO, Andreia Alves Monteiro de (ed.). *Ao raiar da aurora: antologia de narrativas breves de escritoras portuguesas oitocentistas*. São Paulo: LiberArs, 2022. v. 2, p. 39-43.

MINICURRÍCULO

ALVARO S. SIMÕES JR. é professor de Literatura Brasileira da UNESP e bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq. Pesquisador do CLEPUL (Universidade de Lisboa), é autor de *A sátira do Parnaso* (2007), *Estudos de literatura e imprensa* (2014) e *Bilac vivo* (2017), todos publicados pela editora da UNESP. Em *Sátiras* (2018), coedição da Editora da Unesp e do CLEPUL, reuniu versos satíricos e humorísticos de O. Bilac.